

***Roque Santeiro* Glorifica a Vida**

Na nossa visão, *Roque Santeiro* é uma glorificação da vida e dos novos tempos que então se começavam, o tempo da liberdade, expresso pela abolição da censura governamental. Depois por mais de cinquenta anos do Estado tomar a si o papel de tutor da sociedade e decidir pelas pessoas o que elas podiam ver nos palcos e nas telas, se a peça ou a novela eram compatíveis com a ideologia ocidental de democracia de mercado e com os valores cristãos, o ministro da Justiça extinguiu o departamento de censura subordinado à Polícia Federal, ficando cada emissora e cada produtor responsável pelos seus atos. Só pela enorme contribuição que deu por isto *Roque Santeiro* já deveria ser saudada como um marco na cultura nacional. Assim, exibida em 1985, *Roque Santeiro* renunciava o marco da redemocratização do país, que foi a eleição direta para presidente da república em 1989, depois de longos e tenebrosos vinte e cinco anos da ditadura militar instaurada pelo golpe militar de 31 de março de 1964.

Não foi sem razão que Dias Gomes moveu mundos e fundos para retornar o controle de sua obra de arte quando viu a ameaça latente de Aguinaldo Silva, de transformar a discussão sobre o mito numa releitura história de amor, como tantas, com direito a final feliz do herói com a heroína. O final sugerido por Aguinaldo Silva, de que Porcina ficaria com Roque, transformaria a obra de arte de Dias Gomes em mais um folhetim eletrônico sem nenhuma marca autoral, descaracterizando a proposta inicial do autor.

Muitas teses foram levantadas para explicar o retumbante sucesso de *Roque Santeiro*, que atingiu índices de audiências inimagináveis e que também fez grande sucesso em outros países, como em Cuba, Portugal, Angola, Guatemala e Equador. O próprio autor Dias Gomes declara que “o sucesso não se explica, se aceita e pronto”. Evidentemente, tampouco nós pretendemos dar uma resposta definitiva, mas entendemos que a maior parte do sucesso pode ser creditado ao fato de que a novela foi realmente um momento de cartase coletiva provocada por um desfile eletrônico de carnaval, uma festa saturnal com a tecnologia do século XX, em que se subverteu a hierarquia e a alienação do

mundo moderno, provocadas entre outros fatores pela violenta divisão social do trabalho. *Roque Santeiro* é uma eletrônica celebração da vida através de um desfile de carnaval onde o telespectador vai obter “um gosto transindividual da liberdade”. A imprensa da época sugere que Roque Santeiro é uma alegoria do Brasil rural ou uma alegoria da tristeza nacional pela morte inesperada de Tancredo Neves, creditando a tais fatores os altos índices de audiência, mas que não explicariam a excelente recepção que a novela teve em outros países, em que o momento cultural era bem diferente.

Ninguém mais do que Dias Gomes foi um escritor de seu tempo, em todos os aspectos, seja no político, engajado que era, seja no técnico, em que soube utilizar os meios modernos como o rádio e a televisão. Entretanto, Dias Gomes soube trabalhar em equipe, produzir em conjunto com outros artistas, como o poeta Ferreira Gullar, ou os roteiristas Marcilio Moraes e Aguinaldo Silva, ou os compositores populares como Chico Buarque e Edu Lobo, e mesmo diretores de teatro como Flavio Rangel e atores de teatro e televisão. Na novela *Roque Santeiro* essa forma de produção lítero-artística coletiva vai atingir seu ápice, pois é unânime o entendimento de que se o produto final é uma obra-prima, muito se deve ao texto primoroso, a construção de cenas inesquecíveis, mas também à direção extraordinária do diretor, ao trabalho de interpretação primoroso de todos os atores e atrizes e ao apoio altamente qualificado de toda equipe técnica, como iluminadores, câmeras, continuistas, etc.

Já comentamos a intercambiabilidade que Dias Gomes fazia de seus textos, aproveitando uma peça de teatro para o cinema e deste para a televisão, como por exemplo, *O Pagador de Promessas*, que nasceu para o palco, o que não impediu de ser levada ao cinema, com roteiro do próprio autor, que não queria ver sua obra desfigurada por nenhum motivo, sendo, finalmente, sendo apresentada na televisão como uma minissérie, também com roteiro do próprio Dias Gomes.

Como grandes escritores de outras épocas, como Shakespeare, Cervantes e Rabelais que souberam se apropriar de falas populares e imortalizá-las em suas obras, Dias Gomes sempre procurou fazer o mesmo, tanto no teatro como na televisão. Em *Roque Santeiro* vai estar a figura do herói brasileiro, Roque, absolutamente Macunaíma, sem nenhum caráter, como diria o modernista Mario de Andrade; vai estar Malta, equivalente ao coronel com patente comprada da Guarda Nacional, que nem o serviço militar jamais fizera, reciclado para o século

XX de exportação e globalização; a viúva fogosa, Porcina, perua exageradamente maquiada, um verdadeiro carro alegórico, que glorifica a vida e que quer mais é viver, já que quem morreu foi o falecido, que está em todas as cidades do interior e mesmo em cada cabaré do interior do Brasil; a virgem apaixonada que ama mais sua castidade do que o próprio amado como Mocinha, que também vai existir em cada canto do país.

Efetivamente, *Roque Santeiro* é bem mais do um simples folhetim eletrônico. *Roque Santeiro* é o retrato crítico de uma parte esquecida do Brasil, é a alegoria de um Brasil rural que se moderniza, é um desfile de carnaval em que todos os habitantes de Asa Branca participam apresentado na forma eletrônica segundo nossa versão, mas acima de tudo é uma obra literária, é uma obra de arte. Inegavelmente, não é possível falar que seja um simples folhetim, pois desconstrói o herói, desconstrói o mito, ao mesmo tempo em que apresenta um herói, Roque, ou um contra-herói, Sinhozinho Malta, muito distantes do herói preconizado pelas regras do folhetim. Umberto Eco vai sugerir que o super homem de Nietzsche como herói, é filho do romance sentimental, do qual *Os Mistérios de Paris*, de Eugene Sue, é sempre o mais eloquente exemplo. Para Eco, o super homem do romance popular é anterior ao de Nietzsche. Roque é um estelionatário e ladrão, que fugiu com valores da cidade que o cultua. Sinhozinho Malta é o velho coronel, senhor feudal de todos os brasis, devidamente reciclado, convertido ao capitalismo exportador da globalização, mas que mantém os milenares hábitos da eliminação física dos inimigos. Nenhum nem outro, assim, se enquadram no herói puro do folhetim, que sempre mantinha uma semelhança com a postura do cavaleiro andante medieval, de passar a vida buscando conquistar o amor da donzela, a heroína, a protagonista, pura, meiga e imaculada.

Da mesma forma, as heroínas de Roque Santeiro, Porcina ou Mocinha, estão longe de se enquadrarem no figurino do folhetim tradicional. Porcina é a mais descarada viúva enfeitada, sempre carregada na maquiagem, que fala e vive aos berros, como uma nova rica, que de fato, é, depois que conheceu Sinhozinho Malta. Mocinha é a sensual virgem histérica que espera o noivo que morreu enquanto provoca alucinações na mente e no coração do Professor Astromar, dublê de intelectual com lobisomem, que a ama e deseja com fúria sobre-humana. Talvez seja mesmo sua furiosa paixão que o faça lobisomem.

O final feliz também é característico do folhetim - o que, decididamente, não é o que acontece na telenovela *Roque Santeiro*. Em um folhetim, dos tradicionalmente feitos por Janete Clair ou mesmo por Aguinaldo Silva, Roque teria ficado com a Viúva Porcina, que passaria de ex-viúva para esposa, enternecendo parte significativa dos telespectadores, que por isso esperavam, ou até mesmo com Mocinha, a eterna namoradinha que esperou o amado até depois de sua suposta morte. Dias Gomes, porém, cioso de seu texto, não faz concessões românticas. Roque não fica com ninguém, pois foge da cidade pela segunda vez, não tendo coragem de enfrentar seu improvável castigo pela morte de Navalhada, e é abandonado pelo maior amor de sua vida, Porcina, que prefere a segurança de Malta. Roque sobe no avião do inimigo Malta e volta para o lugar onde vivera os últimos dezessete anos de sua vida, multiplicando o dinheiro roubado de sua cidade natal e se tornando um homem sofisticado e afetado, um *dandy*. Quanto a Mocinha, jamais passou pela cabeça de Roque refazer seu namoro e muito menos fazer vida com ela, deixando-a entregue à sua histeria e sexualidade reprimida, sugerindo o texto da novela que ela poderá saciá-las uma e outra com o Professor Astromar, que finalmente assume seu lado lobisomem, ou então zanzar perdida pela vida insatisfeita, solitária e infeliz. Discutir se Malta é o verdadeiro protagonista ou o vilão da história parece ser objetivo implícito do autor. Entretanto, na nossa visão de que a telenovela *Roque Santeiro* é uma mistura de desfile de carnaval com mascarada, uma saturnal romana eletrônica de celebração da vida, Sinhozinho Malta, com sua peruca ridícula, com seu jeito grosseiro de cangaceiro enriquecido, é o verdadeiro protagonista, devendo idealmente ficar com a protagonista, Porcina, toda enfeitada, rebocada, desbocada, com sua maquiagem exagerada, roupa exagerada, adereços excessivos e seus gestos vulgares, para não deixar dúvidas que ela representa um papel carnavalesco que evidentemente não é o seu.